



## REFLEXÕES SOBRE OS ESTABELECIDOS E OUTSIDERS: uma relação com a prática do *bullying*, violência escolar e integração dos estudantes.

GONÇALVES, Vanessa Costa (UFGD)<sup>1\*</sup>

GAYOZO, Bruna Aparecida (UFGD)<sup>2\*</sup>

### RESUMO:

O presente trabalho tem o intuito de relacionar a temática *bullying* e violência escolar com a obra de Norbert Elias e John Scotson (1965) 'Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade'. O objetivo é estabelecer similaridades entre os fatores que podem levar um determinado grupo a hostilizar outro grupo ou indivíduo, comportamento que é reproduzido no ambiente escolar através do *bullying* escolar. Metodologia: Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, que visa através de análise fazer apontamentos de similaridades e possíveis relações entre a temática da violência escolar e *bullying* com a obra produzida por Elias e Scotson, neste sentido, ao longo do trabalho são discutidas possibilidades para pensar a exclusão e a violência com intuito de identificar e propor soluções. Considerando que há uma tendência social de ver a diferença como uma ausência dos valores em quais escolas são construídas, objetiva-se promover diálogos contra todas as formas de violência escolar, abordando conceitos de inclusão e acolhimento como forma de evitar a exclusão. Essa aproximação da obra com a problemática da violência escolar perpassa pela exclusão, estigmatização e classe social, a partir dessa reflexão é possível traçar possibilidade de construção para uma escola mais acolhedora e inclusiva.

**Palavras-chave:** Exclusão. Estigma. Acolhimento. Integração.

### 1 Introdução

Publicado em 1965, o livro 'Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade' apresenta um estudo do final dos anos de 1950, sobre uma pequena cidade no sul da Inglaterra que recebeu o nome fictício de Winston Parva. O sociólogo Norbert Elias e John L. Scotson, visavam em

<sup>1\*</sup>Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD.Dourados-MS e-mail: [vanessacgs76@gmail.com](mailto:vanessacgs76@gmail.com)

<sup>2\*</sup>Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD.Dourados-MS e-mail: [profbrunagayozo@gmail.com](mailto:profbrunagayozo@gmail.com)







de nos adaptar e essa ampliação, justamente com o novo, que nos abre a possibilidade de aprender a ouvir e aprender algo e adquirir novas capacidades. É aprender a lidar com os diferentes grupos sociais. É um processo de construção em relação com o outro e com aqueles que são diferentes de mim, dos grupos que eu faço parte.

## 2 Desenvolvimento

A concepção de que o ser humano é um ser social e sociável, conforme os estudos de Maturana e Varela (1995), que mostram que biologicamente o ser humano é constituído por um complexo sistema social humano que dá devidas condições de desenvolver sua autodescrição, autoconsciência e auto-observação, capacitando-o a olhar ao seu redor e ser observador do contexto em que está inserido.

A questão biológica faz com que os seres sintam a necessidade de convivência em grupo. A questão de pertencimento a um grupo social é a parte integrante da construção da identidade do ser humano. Percebe-se que os grupos sociais fazem parte da existência do ser humano, a nossa sobrevivência e evolução só foi possível graças a nosso sentimento de coletividade, o trabalho em conjunto nos permitiu sobreviver nas eras em que o perigo era grande.

Durante nossa existência não ficamos restritos em apenas um grupo. Fazemos parte de uma família, que vai se ampliando e conhecendo novas famílias, amigos, grupos religiosos, sociais e esportivos. Nesses agrupamentos compartilhamos um conjunto de interesses e de identidade, gerando um reconhecemos de pertencimento a esse grupo, onde há a possibilidade de analisar esses grupos que nós participamos ou estamos participando como estabelecidos ou como um indivíduo novo dentro de uma realidade que já está vinculada no tipo de intimidade que eu ainda é necessário construir.

Para que exista um grupo social é necessário que haja interação, participação dos diversos sujeitos e compartilhamento de objetivos e interesses em comum, onde é gerado o sentimentos de identidade e pertencimento. Essas ações interpessoais e os sentimentos partilhados de pertencer a um grupo fazem com que haja uma rica criação de vínculos, minimizando certos desconfortos nas





relações humanas e nos permitem mobilizar as nossas próprias experiências, isso vai ao encontro das pesquisas do Norbert Elias e do John Scotson que analisaram um bairro inglês na década de 60 e perceberam os índices de criminalidade lá estavam altíssimo e a partir de estudos sociológicos daquele ambiente eles teorizaram sobre a relação entre os estabelecidos e os *outsiders*. Perceberam que as famílias que moravam ali há mais tempo que se conheciam de gerações anteriores, que tinham laços estabelecidos de amizade e até mesmo de inimizade, eram fechados para receber os novos moradores que eram deixados à margem, eram vítimas de fofocas e não recebiam acolhimento dos que chegaram antes.

Os autores apontam em sua pesquisa que nessa cidade havia três grupos distintos e categorizados. Zonas 1, esse grupo era dos que chegaram primeiro, mais ricos e casas melhores poderiam ser identificados como os já estabelecidos. Os da zona 2, não tinham o mesmo prestígio dos da zona 1, porém estavam estabelecidos naquela região há mais tempo e havia uma melhor convivência entre essas duas zonas, porém os da zona 3 eram operários que se mudaram para o bairro para trabalhar lá depois da segunda guerra mundial e acabaram virando uma ameaça ao modo de vida dos estabelecimentos. Então é este novo que chega e não se sabe ao certo que tipo de impactos e transformações esse novo traz a esses moradores pode causar nessa relação entre estabelecidos e outsiders, sendo gerado um conflito entre os grupos, sendo uma relação de exclusão, de inimizade, de diferença, que nos remete sobre as questões do bullying, do racismo, homofobia e xenofobia que são exemplos de produção de violência quando nós não estabelecemos um vínculo com a diversidade e com o novo.

Os estabelecidos possuíam um determinado tipo de coerção social dada pelo pertencimento, pela identificação, pela construção desse grupo enquanto unidade, sobre os de fora, os que vieram depois, os chamados *outsiders*. Essa análise do Norbert Elias nos faz perceber que em nossa sociedade ainda hoje há uma série de violências, assim como na Inglaterra na década de 60, mas ainda podemos perceber que algumas reações violentas inclusive na escola, está muitas vezes conectados a um sentimento de inferioridade produzido por alguma situação de exclusão no estudante praticante do *bullying*.





Trazendo esses elementos para nossa reflexão, é que esses autores nos trouxeram contribuições valiosas quando eles relatam que os estabelecidos criavam fofoca em relação aos *outsider* e que essa fofoca ela tinha um objetivo de deslegitimar a presença desses novos indivíduos naquela comunidade inferioriza sua existência, estigmatizando-os a uma categoria inferior e não bem vindo aquele contexto social. Quando os sociólogos perceberam isso, eles apontaram que esses conflitos não foram gerados apenas pelas diferenças, mas pelo medo da divisão do poder que eles tinham. A fofoca e a exclusão social são tipos de *bullying* social que podem ocorrer por meio do compartilhamento de boatos, mentiras e alegações difamatórias que trazem consequências nocivas à vítima.

Abramovay (2006) ainda pondera que as agressões verbais pedem mais reflexão quanto a seu significado. Apesar de, muitas vezes, serem consideradas brincadeiras corriqueiras, elas têm como objetivo a humilhação, a exposição ao ridículo, a ofensa. Esse tipo de violência não somente aflige, mas, segundo a autora, agride seriamente, permeando as relações interpessoais, passando a determinar a forma como os membros da comunidade escolar se comunicam e interagem entre si, dentro de um perfil agressivo que é externalizado por meio de ofensas, insultos, difamações, desacatos e visões preconceituosas apoiadas em estereótipos.

O ser estigmatizado na sociedade significa que é um ser humano como todos os outros seres humanos mas ao mesmo tempo é diferente. A diferença nesse contexto é um identificador, um tipo de destaque, ressaltando uma distinção e produzido coletivamente um estigma social. Nesse sentido, os autores destacam que essa diferença estigmatizada deriva da sociedade, porque em geral antes de uma diferença ser importante deve ser coletivamente conceituada pela sociedade como um todo é uma construção coletiva.

Os autores pontuam que o estigma não é produzido por um indivíduo, ele é produzido coletivamente, quando uma determinada população, um determinado povo encontra na diferença de outro ser humano é algo que aquele coletivo inferioriza, exclui e produz um marcador que vai chegar antes dele se apresentar enquanto diversidade. Se não houver uma oposição quanto à estigmatização, essa relação de violência, de exclusão, de preconceito,





xenofobia e banalização da violência, continuará ganhando espaço na sociedade e nas relações sociais e interpessoais.

Apesar dessa pesquisa ter sido feita na década de 60, ainda hoje traz a importância de discutir as questões relativas ao estigma, ao preconceito e às discussões na escola porque tratar e combater o preconceito, estigma é uma responsabilidade de toda sociedade. O respeito à diversidade é concebido como direito, como princípio legal e constitucional, onde considera que todos devemos ser tratados com dignidade.

Precisamos considerar quais fatores sociais podem levar um grupo a hostilizar e estigmatizar outro grupo. Quais são os principais marcadores sociais que percebemos como elementos estigmatizantes? Os autores consideram que as diferenças culturais acabam levando a situações de estigma, pela forma de falar, pelo sotaque, que não é considerado e nem visto dentro de uma perspectiva de diversidade, de valorização de marcador da pluralidade. Sendo alguns elementos que geram uma certa inferioridade, acrescentando algumas questões relativas ao gênero, etnia, credos religiosos, características físicas, classe social e regionalidade, todos esses cenários podem trazer elementos de estigmatização de grupos que são considerados inferiores e diferenças que não são respeitadas dentro da sua singularidade.

### **Acolhimento e integração dos estudantes**

A escola é um importante espaço de socialização que estamos inseridos enquanto indivíduos dentro de uma cultura e fazemos parte de um conjunto de grupos. Todos nós enquanto seres humanos, temos em comum a capacidade de nos diferenciar, mas quando partimos do nosso referencial e olhamos para o outro com as diferenças desse outro com a intenção de inferiorizá-lo, não cultivarmos uma relação de respeito e de construção de tolerância e de defesa da diversidade, pois todos estamos vulneráveis para situações de violência exclusões e preconceitos.

Abramovay (2002) traz que a expectativa social é de que a escola atue no sentido da promoção e da difusão de condutas pautadas pelo respeito, pelo diálogo, pela valorização da escuta, configurando-se como espaço de





interações positivas entre os atores que nela convivem. Entretanto, as agressões verbais são comuns e banalizadas no dia-a-dia, traduzindo-se em desrespeito, ofensas, modos grosseiros de expressão, xingamentos e da “zoeira”.

O sentimento de superioridade é nocivo. O perigo do estigma devasta a concepção de diversidade. Visando disseminar propostas de enfrentamento a toda forma de violência escolar é que pontuamos o conceito de integração e acolhimento como uma forma de evitar a exclusão, pois está evidente que existe uma tendência social de tomar a diferença com uma inadequação do valor os estabelecidos por um grupo gerando uma série de comportamentos que são prejudiciais para o desenvolvimento e o relacionamento entre os indivíduos o estigma ou preconceito, a discriminação e a intolerância. Estes são comportamentos que devem ser evitados dentro de uma sociedade porque gera violência, como forma de enfrentamento e professores e estudantes precisam ser pontes que ligam as pessoas, buscando construir uma identidade com todos os outros e em defesa da diversidade e respeito.

Autores como Libâneo e outros (2011), nos impulsionam a pensar a educação brasileira a partir de uma perspectiva crítica e voltada para a transformação social, em que os dilemas e problemas escolares sejam pensados e repensados coletivamente, nesta perspectiva de uma prática pedagógica flexível e que ultrapasse os muros da escola e os conteúdos disciplinares é que pode direcionar uma nova perspectiva ao papel da escola. Atualmente, com as rápidas transformações sócio-históricas das últimas décadas, um novo olhar permeia as instituições de ensino, no que tange a ressignificação de papéis e funções que dão sustentação a sua missão e visão institucional e também no atendimento com qualidade de seus estudantes.

A instituição escolar precisa ter intuito de desenvolver senso de pertencimento à escola de forma criativa, respeitosa e participativa, entendendo como um meio de desenvolver o melhor potencial dos/as estudantes. Considerando a visão de totalidade do processo educacional em sua inserção no contexto sociocultural, a efetivação de ações de práticas pedagógicas que visem concretizar um momento ímpar entre a instituição e os/as estudantes ingressantes, é uma ocasião em que toda a comunidade escolar recepcionam





estudantes a fim de inseri-los em uma estrutura organizacional que promove ações coletivas, desde o início de sua vida acadêmica até a conclusão com êxito do curso escolhido.

Importante a concepção de que a finalidade de auxiliar os/as estudantes ingressantes quanto à boa convivência escolar é um momento para propiciar o conhecimento de cada turma, a sensibilização e reflexão para a convivência humana e relações interpessoais, e de orientação para as normativas da instituição, trabalhada em conjunto numa atmosfera de cooperação entre todos. A instituição pode prezar pelo acolhimento aos que chegam a partir de ações pedagógicas e formuladas a partir de programas ou projetos validados institucionalmente, onde os estudantes já estabelecidos no espaço escolar possam receber aos que estão ingressando através de um apadrinhamento individual (cada veterano - estabelecido - acolhe um estudante ingressante - *outsider*) e coletivo (uma turma acolhe uma turma ingressante) na intenção de apresentar a dinâmica e rotina da instituição, auxiliando quanto à sua jornada estudantil. Essa ponte pode realmente unir os diferentes e acolher os que chegam, numa aproximação favorável a um clima amistoso e de respeito mútuo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos de *outsider*, estigmatização e preconceito aqui abordados estão baseados no pensamento de Elias e Scotson na relação estabelecidos-*outsiders* para o estudo da comunidade de Wiston Parva. Refletindo sobre estes conceitos relacionou-se a aplicá-los para entender algumas situações da inclusão e acolhimento aos estudantes no ambiente escolar.

Destaca-se a importância da prevenção de múltiplas formas de violência que são menosprezadas ou não são sequer consideradas como formas de agressão de acordo com o senso comum, sendo que o *bullying* escolar encaixa-se neste grupo de comportamentos subvalorizados por serem considerados como normais ou inofensivos.

No ambiente escolar percebe-se que um dos motivos é a discriminação relacionada à classe social, gênero, credos, etnia, culturas, gerador de brigas,





xingamentos e agressões entre estudantes que não conseguem lidar com as diferenças e com o outro, por este fator, é fundamental a intervenção da escola e do trabalho docente que deve promover estudos, debates e reflexões que vise à melhoria do clima escolar e a redução de práticas violentas. A instituição de ensino tem cada vez mais responsabilidade de ensinar a socializar, a entender e respeitar as diferenças e a valorizar o ser humano. Podendo ser a partir de programas de acolhimento e integração escolar uma importante ferramenta de combate a todas as formas de violência escolar.

Acredita-se que um currículo pautado em ações de acolhimento e integração como estratégias de enfrentamento a toda forma de violência, seja inicialmente um passo para reconhecer sua existência, buscando os contextos e situações em que a violência possa estar “escondida” ou silenciada. A partir desse primeiro passo, que é possivelmente o mais difícil, a escola pode pensar em estratégias efetivas de intervenção e prevenção. Encontrar formas adequadas de lidar com a diversidade na escola será essencial para a prevenção de violência na escola. Os conflitos certamente surgirão na existência de diversidade, mas isso, antes de significar violência, agressividade, pode fazer com que as pessoas aprendam mais sobre o outro e passem a respeitá-lo. Permitindo que os estabelecidos criem um relacionamento de acolhimento e integrem aqueles que chegam, que as diferenças sejam valorizadas na recepção aos *outsiders* no ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. RUA, Maria Graça. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002

ABRAMOVAY, Miriam. **Cotidiano das escolas: entre violências**, Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2006.

ELIAS, N; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: WVA, 2000.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.





LIBÂNEO. José Carlos. OLIVEIRA, João Ferreira. TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** 10. ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento.** Campinas: Psy, 1995.

